

Psicologia das massas e radicalização política: identificação, ressentimento e polarização em uma perspectiva psicanalítica

Milene Nami Maeda¹

Thasiele Dias Carvalho²

RESUMO

Nos últimos anos, o cenário político brasileiro tem sido marcado pelo crescimento de discursos extremistas e pela intensificação da polarização. O presente trabalho tem como objetivo investigar mecanismos subjetivos envolvidos na radicalização política contemporânea a partir da psicanálise, articulando conceitos como psicologia das massas, identificação e subjetividade. Por meio de pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica teórico-conceitual, os resultados indicaram que a inserção do indivíduo em massas favorece a suspensão do recalque e o redirecionamento da agressividade para inimigos socialmente construídos à medida que evidencia que a organização política não se dá apenas por argumentos racionais, mas também pela mobilização de afetos e identificações subjetivas. Conclui-se que a radicalização política na contemporaneidade é sustentada por uma economia afetiva que articula sentimentos subjetivos em coletivos, apontando para a necessidade de intervenções capazes de restituir ao sujeito sua posição de agente diante do mal-estar social.

Palavras-chave: radicalização, polarização, psicanálise, massa, política.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem sido marcada pelo crescimento de discursos extremistas, da polarização política e da intensificação de manifestações de ódio nas relações sociais e digitais. Em contextos de crise e conflito, as interações sociais tendem a ser atravessadas por manifestações de hostilidade, uma vez que as relações humanas são constantemente construídas e negociadas por meio da linguagem (Kopytowska; Baider, 2017). Desse modo, os discursos de ódio ultrapassam os limites de insultos ocasionais presentes em discussões

¹ Milene Nami Maeda, Universidade Federal de Mato Grosso, milenenami@gmail.com.

² Thasiele Dias Carvalho, Universidade Federal de Mato Grosso, thasiele.dcarvalho@gmail.com.

cotidianas, produzindo formas persistentes de violência simbólica, exclusão e desumanização do outro.

Nesse cenário, Lopes (2023), ao investigar o recrudescimento do ódio no cenário político contemporâneo, aponta que os discursos violentos e autoritários têm se tornado cada vez mais evidentes tanto nas falas de lideranças políticas quanto nas interações sociais mediadas pelas redes digitais. Segundo o autor, a mobilização de afetos como medo, hostilidade e ressentimento contribuem para o fortalecimento de identificações coletivas radicalizadas. Tais fenômenos evidenciam que a política não se organiza apenas por argumentos racionais, mas também pela mobilização de afetos, identificações e investimentos subjetivos que atravessam a constituição dos sujeitos e dos grupos sociais.

Sob essa ótica, Sigmund Freud, em sua obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2011) propôs que, quando parte de uma massa, o indivíduo é influenciado por um ideal comum e pelo líder que personifica esse ideal, levando muitas vezes a suspensão da racionalidade e ao comportamento emocional e impulsivo. Como discutido pelo autor, “na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliar e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (Freud, 1921/2011, p. 10).

Ainda, as contribuições de Maria Rita Kehl, em *A psicanálise do ressentimento como sintoma social* (2020), ampliam essa discussão ao compreender o ressentimento como um afeto político relacionado a experiências de humilhação, exclusão e perda de reconhecimento simbólico. Segundo a autora, ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo próprio sofrimento, mantendo ativa a memória do agravo e transformando frustrações em acusações e hostilidade. Para Kehl (2020), o ressentimento emerge quando impulsos agressivos não conseguem ser simbolicamente elaborados ou direcionados ao objeto que os originou, produzindo formas recorrentes de construção de inimigos sociais e desejos de punição. Nesse sentido, a radicalização política pode ser compreendida como manifestação coletiva de afetos ressentidos que encontram, na identificação grupal e na figura do líder, meios de legitimação e pertencimento.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar os processos de radicalização política contemporânea a partir das contribuições da psicanálise, com ênfase nos conceitos de psicologia das massas, identificação e ressentimento, articulando as formulações de Sigmund Freud e Maria Rita Kehl para compreender os mecanismos subjetivos envolvidos

na polarização política contemporânea.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar os mecanismos subjetivos envolvidos nos processos de radicalização política contemporânea a partir das contribuições da psicanálise, articulando os conceitos de psicologia das massas, identificação e ressentimento. Busca-se, especificamente, analisar as formulações de Sigmund Freud (1921/2011) acerca da constituição das massas e dos processos identificatórios, compreendendo como a inserção do indivíduo em grupos favorece a formação de vínculos coletivos sustentados pela figura de um líder ou ideal comum. Além disso, pretende-se discutir o ressentimento enquanto afeto político, refletindo sobre sua relação com a construção de inimigos sociais, a hostilidade coletiva e a intensificação da polarização política contemporânea.

METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada por meio de revisão bibliográfica de obras psicanalíticas e produções acadêmicas voltadas à compreensão dos fenômenos da psicologia das massas, do ressentimento e da radicalização política contemporânea. A investigação parte da perspectiva teórico-conceitual da psicanálise, campo que reconhece nos fenômenos sociais e políticos dimensões inconscientes, libidinais e afetivas. O corpus teórico foi selecionado com base na sua relevância para três eixos temáticos: a) a constituição das massas e das identificações coletivas; b) o ressentimento enquanto afeto político; e c) os mecanismos subjetivos implicados na radicalização e na polarização contemporânea. Para tanto, utilizou-se como principal referência *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, de Sigmund Freud (1921/2011). Como fontes secundárias, *A psicanálise do ressentimento como sintoma social*, de Maria Rita Kehl (2020) e *O aspecto discursivo do gozo no incitamento ao ódio no cenário político contemporâneo* de Lucas Anselmo Polido Lopes (2023).

RESULTADOS

Observa-se que, nos últimos anos, a sociedade tem sido marcada por formas cada vez mais intensas de polarização política e radicalização coletiva. Freud (1921/2011) argumenta que o indivíduo, ao ser inserido em um grupo, apresenta características diferentes daquelas

observadas quando fora do grupo: o aumento da afetividade, a docilidade frente aos fenômenos de influência coletiva e, conseqüentemente, a diminuição da capacidade crítica. Segundo o psicanalista, nas massas, há a suspensão dos mecanismos do recalque, possibilitando no sujeito a realização de atitudes que não realizaria fora do grupo. Freud nomeia esse fenômeno como o “medo social”, presente no cerne da consciência moral que, ao ser suspenso nas massas, libera os impulsos inconscientes dos sujeitos.

Nesse sentido, o autor elabora a teoria da estrutura libidinal das massas, sustentada em dois eixos fundamentais. O primeiro, diz respeito à identificação entre os membros ao colocarem um mesmo objeto, seja este um líder ou um ideal em comum, no lugar do ideal do Eu. Assim, membros da massa estabelecem os laços entre si, reconhecendo um ao outro como semelhante a si mesmo por compartilharem a mesma referência identificatória. O segundo eixo refere-se à figura do líder. Inconscientemente, para os membros da massa, o líder ocupa uma posição de exceção: ele é o Um que está fora da comunhão do grupo, mas paradoxalmente, sua retirada é a condição para que o grupo se constitua.

Paralelamente, Lopes (2023) analisa essa dinâmica no cenário político contemporâneo, destacando que a função do líder nas massas não precisa, necessariamente, ser preenchida por uma única pessoa. Para o autor, a ideia condutora negativa, isto é, o ódio a uma pessoa, partido ou instituição, pode exercer efeito unificador análogo ao papel do líder da massa, produzindo ligações afetivas de dependência igualmente intensa. No contexto político brasileiro, Lopes afirma que essa premissa serve como base para que significantes como “antipetismo” ou “ameaça comunista” sejam articuladores de massas, agenciados as identificações e laços coletivos, no entanto, esses laços não são sustentados pelo amor a um ideal compartilhado, todavia pela hostilidade comum a um inimigo construído.

Ainda, Lopes (2023) ressalta que, para a psicanálise, a agressividade não é um fenômeno ocasional ou estritamente reativo, pois é constitutiva do próprio sujeito. Em outras palavras, o laço social das massas não cria o ódio e sim oferece uma saída, um destino coletivo para o qual a agressividade pode ser direcionada. Essa construção de um “mau” a ser contido, um inimigo em comum, funciona como válvula para a agressividade do sujeito que, caso não pertencesse à massa, não encontraria forma socialmente legitimada de expressão.

Sob essa perspectiva, Kehl (2020) discorre sobre o ressentimento como um afeto especificamente político, capaz de articular experiências subjetivas de humilhação e exclusão com a produção de inimigos sociais e conseqüente intensificação da polarização na

contemporaneidade. Segundo a autora, o ressentimento é definido a partir de uma lógica precisa: ressentir-se significa atribuir ao outro a responsabilidade pelo próprio sofrimento. O indivíduo ressentido é aquele que não quer esquecer o agravo, conservando ativamente a memória da ofensa, transformando-a em ruminação acusatória e fantasia vingativa. Kehl (2020) afirma que o ressentimento é a soma de outros sentimentos, como rancor, raiva, inveja, maldade e desejo de vingança, que ocupam um local de disposição psicológica que deforma o sentido dos valores e a faculdade de julgamento.

Do ponto de vista psicanalítico, Kehl sustenta que o que está em jogo no ressentimento, é a impossibilidade de elaborar simbolicamente os impulsos agressivos: o ressentido não consegue dirigir sua reação ao objeto que originou o sofrimento, seja por sentir-se fraco demais para enfrentá-lo, seja por querer ostentar uma superioridade moral que o impede de agir. Como consequência, a raiva e a cólera retornam sobre o próprio Eu, uma vez impedido de exercer na direção do objeto. Nas democracias liberais modernas, Kehl (2020) afirma que o ressentimento emerge de forma expressiva, florescendo nas situações em que a igualdade foi antecipada simbolicamente, contudo não se cumpriu na prática. Para a autora, é no terreno específico no qual as democracias prometem igualdade de direitos e não a entregam, onde a falta é percebida como privação, ou seja, algo que foi tomado de mim por outro.

No Brasil, essa estrutura é decisiva para compreender a polarização contemporânea. A igualdade, prometida por lei democrática, é interpretada como dádiva e não como conquista popular. Com efeito, instala-se uma relação de dependência infantil com o Estado e com as figuras de autoridades, que são ao mesmo tempo amada e/ou odiadas. A promessa simbólica de igualdade coexiste nas práticas de dominação que dispõe a sociedade a esperar, letargicamente e passivamente, a concessão das promessas.

Nesse contexto, Lopes (2023) demonstra que sentimentos difusos de frustração e insatisfação são rapidamente canalizados por discursos por discursos de extrema direita em direção à construção de inimigos bem delimitados: o Partido dos Trabalhadores (PT), a corrupção, o “comunismo”, as minorias que “tomam o lugar” da maioria, entre outros. Porquanto, o ressentimento deixa de ser uma experiência subjetiva difusa e passa a ser organizado discursivamente, ganhando nome e direção política.

Assim, a construção do inimigo em comum é um dos efeitos mais visíveis do ressentimento das massas. O inimigo social oferece ao sujeito ressentido aquilo que ele não

consegue produzir por si mesmo: um objeto concreto sobre o qual a hostilidade acumulada pode ser descarregada, gerando uma narrativa que confere sentido à experiência de sofrimento, encobrindo a sensação de fracasso pessoal por um sentimento de injustiça perpetrado por um culpado identificável. Logo, a polarização política não é apenas divergência de projetos ou valores pessoais. Por certo, ela é uma guerra de afetos em que o outro deixa de ser um adversário e passa a ser um inimigo a ser destruído.

Em síntese, a discussão apresentada nos resultados corrobora com as formulações presentes na literatura psicanalítica analisada. A articulação entre a psicologia das massas de Freud (1921/2011) e o conceito de ressentimento proposto por Kehl (2020), permite transitar entre a estrutura subjetiva do sujeito e os determinantes histórico-sociais da polarização contemporânea, dimensão esta que uma leitura exclusivamente de Freud não alcançaria sem a complementação de Kehl. Outrossim, Lopes (2023) atualiza o referencial teórico, ao conferir concretude a conceitos como função do líder e identificação.

Por fim, o referencial teórico possibilitou uma leitura que não reduz a radicalização política a fatores estruturais e a patologias individuais, situando-se no intermédio entre a constituição do sujeito e as condições objetivas de produção do ressentimento coletivo nas massas. Como limitação, contudo, compreende-se que a metodologia bibliográfica, por sua natureza teórico-conceitual, é limitante, pois não permite verificar as hipóteses construídas nem abarcar a pluralidade de experiências subjetivas que atravessam o fenômeno da massa.

CONCLUSÃO E/OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre as formulações de Freud (1921/2011) e as contribuições de Kehl (2020) e Lopes (2023) permitiu compreender que a radicalização política contemporânea não se reduz a divergências racionais de projeto ou valor. A radicalização é sustentada por uma economia afetiva no qual o ressentimento e, por conseguinte, o medo e a agressividade, se articulam para produzir identificações coletivas intensas baseados em antagonismos sociais. A inserção do indivíduo em massas estruturadas em torno de líderes ou ideias em comum, oferece ao sujeito a ilusão de pertencimento e compreensão mútua, permitindo o redirecionamento da agressividade constitutiva para alvos construídos.

Na democracia contemporânea brasileira, marcada pela promessa não cumprida de igualdade, esse circuito afetivo encontra terreno fértil: sentimentos subjetivos de humilhação, exclusão e privação são capturados e organizados discursivamente por projetos políticos que

nomeiam culpados, transformando o ressentimento individual em hostilidade coletiva.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v. 15. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113. (Obra original publicada em 1921).

KEHL, Maria Rita. A psicanálise do ressentimento como sintoma social. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, São Leopoldo, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/601385-a-psicanalise-do-ressentimento-como-sintoma-social-artigo-de-maria-rita-kehl>. Acesso em: 08 maio 2026.

KOPYTOWSKA, Monika; BAIDER, Fabienne. From stereotypes and prejudice to verbal and physical violence: Hate speech in context. **Lodz Papers in Pragmatics**, v. 13, n. 2, p. 133-152, dez. 2017. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/lpp-2017-0008/html>. Acesso em: 06 maio 2026.

LOPES, Lucas Anselmo Polido. **O aspecto discursivo do gozo no incitamento ao ódio no cenário político contemporâneo: um estudo sobre a psicologia das massas**. 2023. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/39980>. Acesso em: 09 maio 2026.